

Rogério Silvério de Farias

**DESCANSA
EM PAZ**



obra distribuída sob uma licença



Creative Commons



Atribuição-Uso Não-Comercial-Não a obras derivadas 2.5 Brasil

Você pode:

* copiar, distribuir, exibir e executar a obra

Sob as seguintes condições:

Atribuição. Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante.

Uso Não-Comercial. Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.

Vedada a Criação de Obras Derivadas. Você não pode alterar, transformar ou criar outra obra com base nesta.

* Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outros os termos da licença desta obra.

* Qualquer uma destas condições podem ser renunciadas, desde que Você obtenha permissão do autor.

Qualquer direito de uso legítimo (ou "fair use") concedido por lei, ou qualquer outro direito protegido pela legislação local, não são em hipótese alguma afetados pelo disposto acima.

Este é um sumário para leigos da Licença Jurídica; na íntegra em - creativecommons.org – onde você também encontrará o Termo de exoneração de responsabilidade e aprenderá como utilizar esta licença em suas próprias obras.

<http://creativecommons.org/>

Rogério Silvério de Farias

**DESCANSA
EM PAZ**

I

Era o último dia. O bendito último dia. Sairia da prisão, enfim. Ele, um certo Zé, entre tantos outros no Brasil, não estava feliz, não muito. Um homem como aquele Zé jamais se libertaria, mesmo depois de tantos anos. Há prisões para as quais não existem chaves.

No dia seguinte, pela manhã, sairia da maldita prisão. Seu corpo sairia, mas não sua mente. Sua alma continuaria prisioneira nas grades de um passado atroz.

Claro, houvera felicidade no passado, efêmera felicidade. A felicidade da infância. Depois o começo da adolescência, o começo do inferno, do seu inferno.

A parte escura do passado teimava em não ser esquecida, tatuagem negra no corpo da memória. Lembranças amargas de um passado cujas tumbas abriam-se esporadicamente, com seus fantasmas atormentadores e cruéis.

Não conseguiu dormir na noite que antecedeu sua liberdade. Estava ansioso. Ansioso demais.

Quando Zé saiu da penitenciária, um carcereiro, que cultivara certa amizade com ele, falou-lhe, em tom de brincadeira:

- Zé, toma juízo, heim! Não vais querer pegar mais alguns anos de xilindró, vais?
Zé torceu o nariz.

II

A cidade. A cidade fria, impiedosa, cálculo errôneo no grave problema que se tornou a civilização. Zé sentou no banco da praça, solitário como um deus ou um demônio. Pombos comiam restos de pipocas caídos ao chão, perto do banco onde Zé sentava.

Zé suspirou. E de súbito fez um gesto brusco com a mão, enxotando as aves. A revoada espalhou-se num vôo estrepitoso, num barulhento ruflar de asas soando como aplausos dos Deuses que dirigem o teatro do Destino.

III

Enquanto Zé caminhava, lembrava-se amargamente de que ninguém fora busca-lo, na saída da penitenciária. Ninguém. Talvez seus irmãos, na capital, já tivessem morrido. Talvez sua velha mãe também. Ele não devia mais nada para a merda do Estado, nem para ninguém. Por que ninguém fora buscá-lo?...

Sim, ninguém tinha ido buscá-lo. E daí? Danem-se. Sua mãe ele ainda perdoava. Se ainda estivesse viva, devia estar bem velhinha, fraquinha. Não tinha condições de sair dos arrabaldes para vir buscá-lo. Será que ela já tinha morrido? Tanto tempo. Zé contou quase vinte anos de prisão, marcados com um lápis velho na parede da prisão.

Anos e anos de loucura, da loucura da prisão. Da solidão da prisão. Do inferno em vida da prisão.

IV

A casa. A velha casa. A velha e simples casinha de madeira sem pintura. A casa nos arrabaldes da cidade. A casa de sua mãe, a sua casa. A casa onde vivera os felizes anos da infância e parte da adolescência rebelde.

O céu estava azul. O sol brilhava, aprazível. O vento aflagava a face de aspecto severo de Zé, face marcada por uma pequena cicatriz perto dos lábios.

Mais do que nunca ele sentia-se um homem com pouca esperança.

O portãozinho de ferro pintado de branco, agora estava sujo e enferrujado. Zé o empurrou devagar, a dobradiça guinchou alto, como uma velha rabugenta. Rabugenta como provavelmente estaria sua mãe?

V

Chegou até a porta da casa. Antes de bater, engoliu em seco, o coração batendo como um pequeno tambor dentro do peito.

Por fim, com o nó do dos dedos da mão fechada bateu na superfície de madeira.

Por um momento ficou perdido em pensamentos e reminiscências angustiantes.

Antes de ouvir aqueles passos lentos, trôpegos, arrastados pelo peso dos anos, ele ficou pensando, pensando. Chinelos arrastando-se no assoalho de madeira, eis o ruído.

A maçaneta suja e encardida girou lentamente. Zé pensou em desistir, mas não o faria. Será que ela ainda lembrava dele?...

Tolice do Zé. Mãe nunca esquece um filho. Por pior que o filho seja. O amor de mãe não esquece nada.

Primeiro surgiu a mão. A mão da mãe. Uma mão encarquilhada, dedos tortos pela passagem dos anos e pela artrite. Mão de dedos finos e cambados abrindo-se como flor murcha. A mão empurrando a porta, puxando-a para dentro. E o Zé, o filho, só olhando. A dobradiça da porta gemeu, barulhenta,

evocando lembranças...a porta continuava barulhenta desde a infância de Zé.

Logo a cabeleira branca, vencida pelos anos, desgrenhada, assomou na porta.

Os negros e embaciados olhos de dona Zéfa, chamadas apagadas pelos ventos fortes do Destino, o rosto marcado de rugas.

Ela assomou inteira, ali, na soleira da porta, os dentes velhos, amarelos surgindo meio tímidos, quase forçados.

- Quem é?...O que o senhor deseje... - a frase foi interrompida como que por um raio; a voz quase sumida, vencida pela surpresa.

Ele lançou um olhar perscrutador. Ela estava bem magrinha, Zé notou; o câncer estaria vencendo a luta? Os olhos de Zé de repente pareceram dois vales solitários, imersos numa chuva triste e súbita da nuvem escura que havia se tornado sua alma infeliz.

Engoliu em seco, a voz de Zé presa na garganta; as palavras eram como pássaros do espírito presos na gaiola efêmera de seu corpo. Por fim conseguiu gaguejar algo:

- Mãe, sou eu, o Zé...o seu filho.

Ela olhou-o dos pés a cabeça, incrédula, a voz embargada pela emoção maternal. Mas dona Zéfa sempre fora sisuda, austera, mau-humorada, um cubo de gelo ambulante. Ela segurava as lágrimas, a emoção de rever o filho que não o via há anos, o filho que fora preso por matar um infeliz, numa briga, num botequim de esquina.

- É o Zé mesmo. A cicatriz no rosto. É o Zé mesmo. Entra. Entra, rapaz. Tem café no bule, na chapa do fogão a lenha.

VI

Moscas adejavam pela pequena cozinha, onde um fogão a lenha crepitava.

De vez em quando Zéfa abanava com a mão, enxotando os insetos.

Um gato preto esquelético rondava perto do fogão, miando vez por outra.

Na cadeira, com a xícara na mão, Zé falou, mirando o felino da cor da noite:

- É o "Bruxo", mãe?

- É. Tá velho como a dona. Eu vou e ele fica - disse a velha Zéfa, enchendo com cuidado a xícara do filho com o bule fumegante.

Depois de algum tempo de silêncio, Zé falou:

- Mãe, já paguei o que devia. Estou livre pra valer. Não devo mais nada pra Justiça e nem pra mais ninguém. Se devo alguma coisa, só pra Deus, isto se Ele existir.

Ela meneou a cabeça, reprovando a bobagem dita; soltou muxoxos, desaprovando.

Zé continuou:

- Mãe, estou pensando em arrumar um emprego e...

- Zé - interrompeu a mãe, puxando a cadeira pelo espaldar e sentando, ao mesmo tempo em que suspirava. - Não te ilude, filho meu. Se antes de tu ser preso já era difícil arranjar um emprego, imagina agora, com a tua ficha "suja". Ninguém dá emprego pra quem já "puxou" anos de cadeia e sem falar que tu já passou dos quarenta. E quem passou dos quarenta, neste país vagabundo, pode procurar com uma vela acesa que não acha nada.

Zé aquiesceu com olhar desiludido.

Zéfa continuou:

- Zé...Continuas o mesmo sonhador de sempre. Como foi teu pai, antes de morrer atropelado e bêbado.

- Bom, mãe...eu tinha pensado em falar com algum político da cidade e... - ele sugeriu.

- Esquece, filho meu. Os políticos são todos safados, Zé. Só prometem, prometem, enrolam, enrolam...

- A senhora tem razão, mãe. São uns filhos da puta, os políticos...

- Além disso não tens estudo, filho meu. Se já não tem emprego pra quem tem estudo, imagina pra ti, filho meu.

Ela suspirou de novo e tentou mudar de assunto:

- Ando cansada, Zé. Cansada da vida, cansada de tudo. A vida cansa, Zé. Chega um momento na velhice em que a gente deseja apenas morrer, morrer em paz, Zé. Em paz.

Zé cofiou a barba por fazer, uma vergonha nascendo dentro de si. Ele se sentia um inútil, um fracasso, um grande fracassado na vida. Ali, continuando a incomodar sua mãe, já vencida pela velhice. Um imprestável, ele se achou.

Zéfa levantou-se da cadeira com um gemido. Disse:

- Boa noite, Zé. Foi um dia bom pra mim. Não queria morrer sem te ver de novo, filho. Os teus irmão, aqueles ingratos, foram embora pra capital...só vem aqui uma vez por ano.

- Eu não sirvo pra nada, mãe. Só lhe dei desgosto nesses anos...

Ela o olhou de soslaio:

- Deixa disso, rapaz. Vai dormir. E tenha esperança. As coisas de repente mudam na vida da gente. E podem mudar pra melhor. Esperança, Zé. Tenha

esperança. Esperança é o segundo nome de Deus, filho meu. Fé, Zé. É o que resta pra gente neste vale de lágrimas que se tornou o mundo. A sorte da gente de repente muda de direção, o Destino, Zé, é como o vento; às vezes sopra forte, às vezes fraco, às vezes contra, às vezes a favor. Vai dormir, Zé. O teu quarto continua como deixaste. Estás de volta ao lar, Zé. E não te esquece: amanhã será uma nova manhã e uma nova promessa de esperança.

VII

Na manhã seguinte Zé acordou cedo com a algazarra dos pardais nos beirais do telhado.

Ligou o velho radio. Tocava uma velha música sertaneja, triste como ela só.

Zé continuava na cama, tentando achar uma saída do labirinto do Destino, mas a saída parecia estar somente nos sonhos, nos sonhos que a infância deixara-lhe como legado da mais pura das esperanças.

A realidade era uma prisão, Zé pensava. Ele era um prisioneiro, nunca deixaria de sê-lo. Não é preciso estar dentro de uma cadeia para sentir-se preso. Há prisões interiores irrevogáveis, prisões do espírito.

Onde estava aquela louca alegria de viver, sol da manhã de sua infância, Zé perguntava-se, aquela deusa louca chamada alegria, bailarina bêbada que o ensinava a dançar sobre si mesmo? Onde estavam as flores que brotavam no jardim de sua mente, quando criança? Cadê o arco-íris da alegria de viver?

O mundo tornara-se um inferno sórdido onde as horas eram como pregos que o crucificavam no calvário dos dias.

Zé tentou chorar, mas não conseguiu.

Levantou-se do leito, por fim, a contragosto. Quisera ficar ali, deitado, dormindo e sonhando, talvez dormir e morrer...

Foi só lá pelas onze e meia da manhã que Zé se ligou. Estranhou o fato de sua mãe não ter acordado ainda. Talvez doença apertara o cerco...

Zé encaminhou-se até a porta do quarto da mãe. A porta estava só encostada. Zé empurrou-a com vagar. Um cheiro de velhice emanou do interior do aposento.

- Mãe, tá dormindo ainda? - Zé inquiriu, a voz baixa. - Mãe, já é um novo dia...

Então o horror. Zéfa estava estendida na velha cama, na penumbra do quarto, os olhos arregalados contemplando o infinito além dos portais da Eternidade.

A face da mãe estava pintada pelo palor da morte, e um sorriso de amor de mãe, um sorriso derradeiro a curvar-lhe os lábios. O último, e um dos raros sorrisos da mãe, o sorriso do amor de mãe. Ela esperara tantos anos, adiara a morte, para rever o filho, o filho livre da prisão dos homens. Agora a

mãe libertara-se, estava livre, mais livre que o Zé, seu filho, livre da prisão da vida, livre da prisão da dor, da sua dor.

Zé engoliu em seco. O coração acelerando, mãos tremendo, um estranho suor frio.

Murmurou, enquanto fechava a porta, uma lágrima grossa despencando como pequena jóia rara da comissura de um dos olhos.

- Dorme, mãe. Dorme. Como a senhora disse: amanhã será um novo dia, uma nova manhã e uma nova esperança. Mãe, descansa em paz...Descansa em paz!...

Zé baixou a cabeça e debulhou-se em lágrimas.

Na cozinha o gato Bruxo miou estranhamente alto. Tinha agora um novo dono.

FIM

A OBRA

Uma história emocionante sobre um ex-presidiário e sua mãe adoecida que ira levar às lágrimas os leitores mais sensíveis. O final é surpreendente, estranho e insólito. Não revele-o a ninguém.

O AUTOR



Na falta de oportunidades em editoras, R. Silvério de Farias encontrou na internet uma oportunidade de divulgar seus textos **GRATUITAMENTE**. O autor espera que, com isso, seu talento seja reconhecido por editoras que apostem em novos autores.

Contatos com o escritor e comentários sobre este livro eletrônico:

ventodocrepusculo@yahoo.com.br